

## Programa Radiofônico *Papo de Cinema* – Sua Seção Pipoca no Rádio<sup>1</sup>

Natanael VIEIRA<sup>2</sup>

Welbert EMERY<sup>3</sup>

Jonathan MAXUELL<sup>4</sup>

Leilane STAUFFER<sup>5</sup>

Roberta ZOCRATO<sup>6</sup>

André ZULIANI<sup>7</sup>

Angela de MOURA<sup>8</sup>

Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH), Belo Horizonte, MG

### RESUMO

Apresenta-se o programa radiofônico *Papo de Cinema*, produto laboratorial desenvolvido com o objetivo de discutir a importância e participação do rádio no cotidiano das pessoas a partir da análise do filme “A era do rádio”, do diretor norte-americano Woody Allen. Buscando sustentação em disciplinas práticas e teóricas cursadas até então, o produto radiofônico revela-se como um texto crítico ao filme de Woody Allen, permitindo ao ouvinte compreender melhor a obra e, ao mesmo tempo, um trabalho acadêmico de análise não apenas dos conceitos de cinema e radiojornalismo, mas também de fundamentos de sociologia, antropologia e história do jornalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema; Era do Rádio; Rádio; Woody Allen.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo interpretativo.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo, email: natan.nael@hotmail.com

<sup>3</sup> Estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo, email: euwrle@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo, email: jonathan.maxuell@gmail.com

<sup>5</sup> Estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo, email: leilanets@hotmail.com

<sup>6</sup> Estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo, email: beta\_zocrato@hotmail.com

<sup>7</sup> Estudante do 6º semestre do curso de Jornalismo, email: arzuliani@hotmail.com

<sup>8</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: angeladimoura@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta do grupo em discutir, por meio de um programa radiofônico cujo recorte editorial é o cinema, a importância e participação do rádio no cotidiano das pessoas, deveu-se a um conjunto de fatores. Matriculados então no 3º período, os estudantes viam-se desafiados pela disciplina Trabalho Interdisciplinar de Graduação III (TIG III), que propunha o desenvolvimento de um produto radiofônico sobre o cinema, buscando base teórica para tal produto nas demais disciplinas ofertadas no período: Fundamentos de Cinema, História do Jornalismo, Fundamentos de Ciências Políticas e Planejamento Gráfico. Assim, optou-se por discutir a influência e a participação do rádio – em sua fase dourada<sup>9</sup> – na vida das pessoas, com base no filme *A era do rádio* (1983), do diretor norte-americano Woody Allen.

Além de dirigir o filme, Allen também narra a história. Permeada de casos verídicos e fictícios do alter ego do diretor, o filme remonta a episódios de sua infância, vivida num bairro de Nova Iorque e interpretada pelo ator mirim Seth Green. Tudo isso cadenciado pelas lembranças que o cineasta tinha da época em que o rádio exercia papel fundamental na sociedade, como meio de comunicação, entretenimento e informação. O diretor trouxe isso para o filme traçando um paralelo entre as músicas marcantes da época e a significação que cada uma tinha para sua vida e na vida do seu núcleo familiar, o que se aplica também aos programas presentes no rádio naquele tempo e que Allen fez questão de explicitar.

A comédia de Woody Allen endossa muito bem a escolha do tema – *a participação do rádio no cotidiano das pessoas* –, à medida que apresenta o círculo familiar do protagonista a quem assiste ao filme. Cada componente do núcleo familiar do herói se atém, especificamente, a uma faixa de horário, cada um ouve o programa com o qual se identifica. É válido lembrar também que, em algumas ocasiões, a família se reunia para ouvir o rádio, isto é, independente das preferências de cada um acerca da programação, havia sempre uma atração que fazia do rádio o centro das atenções daquela família.

A partir dessas questões, o programa define-se editorialmente com a proposta de alcançar o público jovem e a comunidade acadêmica de maneira geral, que se interessa pela

---

<sup>9</sup> Período compreendido entre o final da década de 30 e o início dos anos 50 no qual a mídia radiofônica se mostrava como principal veículo de comunicação. No filme, o relato da fase dourada do rádio é, precisamente, no ano de 1943.

combinação cinema-rádio. A análise sugerida pelo programa não é demasiadamente aprofundada, mas pressupõe interesse e certo conhecimento prévio, por exemplo, do contexto histórico da “era de ouro” do rádio.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar a maneira como o rádio, em sua época de ouro, atingia os cidadãos americanos, conforme a ótica do cineasta Woody Allen no filme *A era do rádio*.

### **2.2 Objetivos Específicos**

1. Observar como a narrativa do filme, pela ótica do diretor, resgata lembranças e as apresenta ao interlocutor de forma que o faça perceber a época retratada;
2. Apresentar como o rádio exerceu o poder de mobilização no cotidiano dos ouvintes;
3. Exemplificar que o rádio funcionou como produtor de paradigmas sociais, propondo ideais de personalidade, modo de vida e conduta;
4. Identificar a confiabilidade que os ouvintes depositavam no veículo e a credibilidade gerada por esta relação;
5. Retratar como a trilha sonora no filme rege o ritmo dos acontecimentos. Faz-se necessário mencionar que as músicas foram escolhidas pelo diretor de acordo suas lembranças na infância.

## **3 JUSTIFICATIVA**

O tema “A participação do rádio no cotidiano das pessoas”<sup>10</sup>, e seu desenvolvimento ao longo deste trabalho, tendo por base a comédia de Woody Allen, *A era do rádio*, mostra o quanto era fundamental o papel do rádio enquanto meio de comunicação, entretenimento e informação naquele recorte da sociedade trazido à luz pelo diretor. Partindo-se do princípio que, na década de 1940, o veículo tinha penetração em quase todos os lares americanos, por

---

<sup>10</sup> Aqui o termo “participação” encerra uma ambiguidade, isto é, refere-se à participação enquanto atuação negativa e positiva na vida das pessoas.

isso diz-se que foi a fase dourada, o programa ilustra tal importância na medida em que indica, durante sua narrativa, como era a relação das pessoas do círculo familiar do protagonista.

Faz-se ainda importante considerar que apesar de a história se desenvolver num núcleo familiar específico, o do garoto Joe, o recorte feito pelo diretor é um reflexo da sociedade norte-americana como um todo nas décadas de 1930 e 1940, anos que antecedem a massificação da televisão, explicitando ainda mais a atenção que todos destinavam ao veículo de comunicação da época.

A mãe do garoto, por exemplo, gostava de ouvir os programas do gênero *radiodrama*, nos quais se apresentavam novelas. Gostava também de programas de variedades. Neste último caso, um programa no qual um ventríloquo dizia estar com seu boneco e apresentava seu número aos ouvintes. Ao ter em vista que a arte do ventriloquismo consiste em “dar voz a um boneco” sem que se perceba a movimentação dos lábios do artista, seu marido a questionou se ela não se importava em não ver se o artífice o fazia. Sem nenhuma preocupação, ela o respondeu, dizendo que era engraçado e que não se importava.

A tia Bea dançava ao som de músicas de Carmem Miranda, Glenn Miller, entre tantos, e envolvia a todos que por ali estavam. Adorava os programas musicais e se sentia parte deles. Colocava-se diante do espelho e fazia as coreografias com turbantes na cabeça feitos de toalhas. Enquanto isso, o protagonista vivia as emoções do *Vingador Mascarado* e desejava mais que tudo o *Anel* do super-herói, que, no entanto, nunca vira em sua vida.

Além do gosto pelos programas veiculados no rádio, os fatos noticiados por ele também atraíam os ouvintes de maneira incrível. Acontecimentos como o resgate da garotinha Polly Phelps de um poço em que caíra, que foi acompanhado ansiosamente por todo o país que, naquele momento, unia-se em orações pela vida da criança. O episódio despertou o sentimento de compaixão e fez com que todos se condoessem da família da menina. O desfecho do caso foi trágico: Polly não resistiu e chegara morta à superfície. Esta notícia abalou a todos que ouviam a transmissão com expectativas otimistas, fazendo-os desligar o rádio. A reação dos ouvintes demonstra o impacto que a história causou. O pai de Joe, por exemplo, que até aquele momento brigava com o garoto, durante a transmissão, colocou o

filho no colo para acompanharem juntos o desfecho do caso. Após a trágica notícia da morte de Polly Phelps, o pai do pequeno protagonista, comovido, abraça-o e esquece a briga que, face à desgraça da família Phelps, soava sem sentido.

Todos estes interessantes exemplos corroboram a tese de que o rádio exercia influência no cotidiano, no comportamento, na mentalidade, nos sonhos, nas buscas pessoais, enfim, num padrão de vida venerado por seus interlocutores. Tudo isso constitui um campo de estudos que rendeu frutos à construção e no aprimoramento do conhecimento, meta pétreia de qualquer programa.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Na construção do programa de rádio *Papo de Cinema*, no formato de documentário, lançou-se mão de pesquisas no âmbito do cinema e da produção radiofônica. Isso se fez necessário mediante a proposta de analisar como a linguagem cinematográfica utiliza elementos a ela particulares – a aliança entre imagem, som e a narrativa em si – na composição de um discurso. No caso do programa piloto, a análise desses dados aplica-se ao filme do diretor norte-americano, Woody Allen, *A era do rádio* (1987).

Nessa esfera, tendo a ideia de *A era do rádio* servir de objeto empírico, partiu-se para a definição dos assuntos a serem abordados nos blocos do piloto. Todos eles sobre a perspectiva da participação do rádio na vida das pessoas. Para ilustrar isso, buscou-se no filme exemplos da importância que tal meio de comunicação possuía no contexto do pós-guerra, ambiente no qual se desenvolve a trama. Paralelamente, entrevistas com pessoas que tiveram ou têm alguma ligação com o universo daquela plataforma – seja como experiência pessoal ou profissional – foram primordiais para afirmação da perspectiva citada.

Na área da produção radiofônica – roteirização, gravação, edição e finalização – as pesquisas tiveram como base a disciplina Trabalho Interdisciplinar de Graduação (TIG). Durante o período no qual o programa foi produzido, a prática dos exercícios de gravação, por exemplo, consistiu uma etapa importante para descobrimento das ferramentas disponíveis no estúdio. Nesse ambiente, procurou-se aplicar os conceitos de radiojornalismo estudados na disciplina citada e aliar a sensibilidade do grupo executor. Tudo isso favoreceu para a qualidade do produto final.

O programa foi gravado em cabines de áudio digital por meio do *software Vegas* e editado em ilha, também digital, com o *Sound Forge*. Ambas as etapas com o auxílio da professora responsável pelo projeto, Angela Moura, e por técnicos de áudio da instituição, Alysson Almeida e Christiano Botelho. Faz-se necessário reafirmar que os profissionais mencionados deram suporte técnico, mas o processo seguiu as premissas do projeto teórico produzido pelos alunos.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O *Papo de Cinema* é o produto final proposto pelo Trabalho Interdisciplinar de Graduação (TIG), disciplina agregadora de conhecimentos entre matérias do período acadêmico corrente. Tal disciplina propõe um cronograma geral de execução de tarefas que contempla prazos, tarefas, avaliações, autoavaliações, entre outros itens.

O processo iniciou-se com o desenvolvimento de um projeto teórico. Tal projeto registrou o resultado das investigações acerca do filme *A era do rádio* (roteiro, trilha sonora, premiações e indicações, importância documental, entre outros fatores), do contexto sociocultural da sociedade americana do período entre 1940 e 1950, do histórico da radiodifusão, por exemplo, e das pesquisas por equipamentos, recursos sonoros, técnicas de gravação e de edição do produto.

Na esteira das premissas do TIG, foi criado um cronograma específico para cada etapa do processo produtivo: um para o levantamento de informações acerca do filme analisado e outro dos recursos tecnológicos a serem empregados. Assim, a organização dos componentes para realização das tarefas e cumprimento dos objetivos fez-se ponto de observação dos mesmos para que não se perdesse a integração. Por isso, decidiu-se pela divisão de atribuições, o que se traduziu em eficácia no curso de execução do projeto.

Com os resultados das pesquisas em mãos restou seguir os cronogramas. Em dez dias, aproximadamente, os componentes responsáveis pela locução dedicaram-se às gravações e ensaios e os demais às atividades de mapeamento e edição, por exemplo.

Ao final do processo, o programa *Papo de Cinema* foi apresentado aos colegas de sala juntamente à fundamentação teórica do tema escolhido. Em seguida, o produto foi exposto

e submetido à banca durante o “Circuito Acadêmico 2011/1”, evento avaliativo dos trabalhos finais de todos os cursos da instituição na qual os estudantes são matriculados. alunos.

## 6 CONSIDERAÇÕES

É importante considerar que o processo de construção do *Papo de Cinema* se desenvolveu a partir da interdisciplinaridade proposta pela disciplina TIG. Interprete-se como interdisciplinaridade o aporte que as disciplinas do curso de Comunicação Social/Jornalismo, estudadas até aquele momento, forneceram ao grupo durante todas as etapas do trabalho.

Nas disciplinas cursadas no primeiro período de graduação, por exemplo, o destaque dado foi para a sociologia e filosofia. O filme apresenta a estrutura de uma sociedade – especificamente da sociedade norte-americana – nas décadas de 1940 e 1950, em que o rádio era elemento fundamental de comunicação e entretenimento, fazendo-se presente no cotidiano e na vida de cada indivíduo. O filme de Woody Allen também trabalha os valores sociais e religiosos daquela sociedade<sup>11</sup>, expondo assim características sociológicas e instigando análises estudadas na disciplina Comunicação e Sociedade<sup>12</sup>.

Em Filosofia e Comunicação, a conexão estabelecida foi com ideia desenvolvida pelo autor François Châtelet em seu livro *Uma história da razão: entrevistas com Émile Noel*. O autor explora o nascimento da razão e demonstra que o desenvolvimento do pensamento racional se dá pelo fato de que o ser humano é um ser que vive em busca de sentido. No filme *A era do rádio*, a noção da busca de sentido é visível quando se transmite a ideia do rádio como fabricante de sonhos, buscas pessoais, ponte e refúgio entre a fantasia e a realidade. Exemplo disso é a história do garotinho Joe, que tinha o grande desejo de possuir o anel do *Vingador Mascarado*, além das crenças que os outros personagens depositavam nos conteúdos fornecidos pelo rádio.

---

<sup>11</sup> A educação dos filhos, demonstrada, no filme, através da escola judaica que ensinava aos alunos posturas e valores religiosos. Os costumes do judaísmo explicitados pelos costumes das famílias mostradas no filme. A maneira como as pessoas conviviam com o rádio.

<sup>12</sup> O processo de encaixe e o conceito de identidade cultural trabalhados pelo autor José Maurício Domingues no livro *Sociologia e Modernidade*. Tais conceitos podem ser analisados no momento que o filme mostra os programas que existiam no rádio. Cada programa tinha um estilo diferente, mas todos estabeleciam vínculos com os costumes e as características dos norte-americanos americanos.

Ao observar os conteúdos veiculados no rádio como indutores de valores naquela sociedade e, assim, enxergar as posturas e atitudes que os ouvintes tinham pautadas no rádio, é possível estabelecer o recorte da análise ética e deontológica favorecido pela disciplina Legislação e Ética, e, ao mesmo tempo, resgatar as teorias estudadas em Teorias da Comunicação.

A interdisciplinaridade com a matéria Fundamentos de Cinema, oferecida no 3º período, é uma das mais visíveis, à medida que os conceitos de cinema – o conhecimento dos modelos existentes de construção de roteiro, as narrativas, os gêneros, as análises dos filmes e tantos outros aspectos estudados na disciplina – nortearam a construção do *Papo de Cinema*. Já a disciplina História do Jornalismo chama a atenção para a importância de se retratar o contexto histórico que o filme remonta, somando características políticas, econômicas e culturais da sociedade norte-americana de acordo a visão de Woody Allen, além de explorar a história do rádio e o ápice desta mídia – ponto enfatizado pelo diretor durante toda narrativa – antes da chegada da televisão.

Por fim, no que diz respeito à interdisciplinaridade, a produção do *Papo de Cinema* alinhou-se à disciplina Redação Jornalística I por meio do caráter correccional inerente a esta. A aplicação dos critérios para aplicação de conteúdos e dados, a hierarquia das informações e a adequação da linguagem à mídia radiofônica foram recursos explorados para concepção e construção do programa radiofônico.

Ressalta-se que o projeto revelou-se profícuo e transformou-se num objeto em curso de constante aprimoramento. A fim de divulgar o produto final, criou-se um blog ([papodecinemaweb.blogspot.com](http://papodecinemaweb.blogspot.com)) no qual o áudio do programa está disponível para acesso em qualquer computador, via internet. Tal blog proporciona que as opiniões dos internautas, as respostas dos autores e a partilha de conteúdos entre eles, por meio de links, criem um ambiente de extensão para a discussão do tema do programa radiofônico.

No blog é possível assistir, ainda, ao vídeo feito pelo grupo que registrou momentos do processo de produção – reuniões, gravações em estúdio e edição. O internauta pode postar nos respectivos perfis das redes sociais as informações, vídeos e o próprio programa por meio de ferramentas de compartilhamento de conteúdo disponível no sítio.



Fruto da ideia de constante aprimoramento, está em construção no semestre corrente um novo produto a ser disponibilizado no blog. Trata-se de uma revista digital. No formato de dossiê, a publicação levará ao público análises mais aprofundadas por meio de diferentes seções, como Direção, Semiótica, Análise do Cartaz, Trilha Sonora, Impressão do Cinéfilo, entre outras.

Tudo isso comprova que o projeto não se restringe aos limites da faculdade. Antes, revela-se como contínuo desafio de adequação da linguagem a outras plataformas, de apuração jornalística e de exercício das habilidades acadêmicas de modo geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Era do radio (Radio Days). Diretor: Woody Allen, Produção: Jack Rollins e Charles H. Joffe. Intérpretes: Mia Farrow, Julie Kavner , Seth Green, Diane Wiest, Diane Keaton, Michael Tucker. Metro-Goldwyn-Mayer , MGM, 1987, 87 min.

BJÖRKMAN, Stig. **Woody Allen por Woody Allen**. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1995.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=YA8-KcfrFfkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=YA8-KcfrFfkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 01 de mar. 11.

MEDITSCH, Eduardo. **A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico**. Disponível em:<[http://www.locutor.info/Biblioteca/Nova\\_Era\\_do\\_Radio.doc](http://www.locutor.info/Biblioteca/Nova_Era_do_Radio.doc) >. Acesso em: 24 mar. 11.

MICROFONE, o site do radialista. **História do Rádio**. Disponível em: <<http://www.microfone.jor.br/historia.htm>>. Acesso em: 24 mar. 11.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo, Summus Editorial, 1985. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=ptBR&Ir=Tat7RDwB98kC&oi=fnd&pg=PAD9&>

dq=A+era+do+r%C3%A1dio&ots=Xn3ptIIXHs&sig=xvOkumDp89bFogZ0xeYdjcCVs2s#  
v=onepage&q=A%20era%20do%20r%C3%A1dio&f=false>. Acesso em: 24 de mar. 11.

Revista de cine DIRIGIDO por. Nº 305 Outubro 2001, editora – DIRIGIDO POR,S.L

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauá, 2004,  
p 155-180.